

## **HISTÓRIAS DE VIDA E FORMAÇÃO: UM OLHAR SOBRE AS PRÁTICAS CULTURAIS DE LEITURA DE PROFESSORES RURAIS**

RITA DE CASSIA BRÊDA MASCRENHAS LIMA (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA ).

### **Resumo**

Esta comunicação tem como objetivo partilhar os estudos oriundos da pesquisa de mestrado intitulada: "Nas malhas da leitura: perfil leitor e práticas culturais de leitura de professores e professoras rurais da comunidade de Arrodeador – Jaborandi– Bahia", na qual buscou-se traçar o perfil leitor e conhecer as práticas culturais de leitura dos professores e professoras da comunidade de Arrodeador, egressos do Curso Intensivo de Formação Inicial – Rede UNEB 2000. Mapeou-se, a partir das histórias de leitura, suas concepções de leitura, formas de ler, usos sociais de leitura, repertórios, marcas e práticas constituídas dentro e fora dos espaços formais e suas implicações na formação leitora e em suas práticas pessoais e profissionais. Nesta perspectiva, tomei como categorias de análise: história da leitura, formação de professores e políticas públicas de leitura, articulando-as aos estudos teóricos de autores como Chartier (1990, 2001, 2004), Burke (1992, 2003, 2005), Nóvoa (2002), Tardif (2002), Perrenoud (2002), Abreu (1999, 2004, 2005, 2006), Zilberman (2001), Moraes (2000, 2001), Lindoso (2004), Ribeiro (2004), Ramalho (2004), dentre outros. A decisão de pesquisar sobre as histórias de leitura e as práticas culturais de leitura se insere num movimento recente de formação que concebe as narrativas como importante instrumento de coleta de dados e ao mesmo tempo se configura como um rico trabalho formativo, pois permite às pessoas envolvidas reflexão e reorganização de suas experiências. A pesquisa, de natureza qualitativa, utilizou-se das histórias de vida como método de pesquisa e teve nas narrativas/entrevistas, histórias de leitura e diário de campo as fontes primárias de coleta de dados. Desse modo, este estudo pretendeu dar visibilidade às práticas culturais de leituras dos professores rurais da comunidade de Arrodeador, no interior baiano, por meio das narrativas/histórias pessoais de leitura, bem como compreender a influência da formação inicial na constituição leitora desses profissionais da zona rural.

### **Palavras-chave:**

História de leitura, Práticas culturais de leitura, Formação docente.

### **Introdução**

O encontro com as práticas culturais de leitura foi-me oportunizado muito antes do acesso formal à escola. As vivências cotidianas do meio rural foram decisivas na minha constituição como pessoa, como leitora e como profissional. O fato de ter vivenciado a infância na zona rural possibilitou-me compreender, como bem assinala (Freire, 1988: 11), que "a leitura do mundo precede a leitura da palavra", visto que as formas de aprendizagens no cotidiano rural vão mais além das aprendizagens formais advindas dos bancos escolares. No convívio com as pessoas mais velhas e, portanto, mais experientes, aprendíamos a ler o tempo (chuvoso, ensolarado, estiado); aprendíamos a escolher os frutos; aprendíamos a ler a natureza.

As práticas culturais que emergem do cotidiano rural com suas singularidades nos seus modos de viver, de aprender e conviver não têm os mesmos valores, os mesmos sabores e significados que a infância urbana revela. Os cenários, os objetos, as relações tecidas nas noites de lua cheia ou ao redor da fogueira

guardam sensações, emoções e sentimentos de pertença a um tempo em que as horas não têm prioridade sobre a vida.

O desejo de conhecer as histórias de leitura dos professores rurais e seus percursos de formação se ancora na minha própria história de vida, pois cresci acompanhando a rotina diária da minha mãe - professora primária que atuou na zona rural do município de Tanquinho, interior da Bahia, distante 150 km da capital baiana. Com ela tive meu primeiro contato com os materiais impressos, com o ambiente formal da escola, com a rotina e atividades inerentes à própria vida escolar. O exercício de docência da professora rural, única no povoado, se imiscuía entre os afazeres domésticos e as atribuições de mãe. Este contexto, quando ainda pequena, me ensinou a valorizar a profissão, mas também a pensar sobre os diversos papéis que os professores que atuam na zona rural assumem diariamente.

As reminiscências das práticas culturais de leitura vivenciadas nas noites de lua cheia, nas rodas coletivas, ainda hoje permanecem vivas. Muitas foram as histórias orais sobre o lobisomem, sobre a mulher de vermelho que sempre estava parada pedindo carona aos caminhoneiros nas esquinas, as histórias arrepiantes de alma que pegavam caronas no cavalo sempre nas encruzilhadas, da mula sem cabeça, etc. Estas lembranças se entrelaçam, dialogam e compõem o meu universo leitor.

Essas histórias que povoaram minha infância foram basicamente orais, a presença de livros ou outros materiais impressos restringiam-se aos didáticos de distribuição gratuita da escola ou quando a irmã mais velha trazia da cidade. Naquela época, assim como hoje, os poucos materiais que chegam à zona rural ainda são, prioritariamente, por via da escola - instituição formal ou por aquisição nas cidades mais próximas.

Estudos já publicados[1] revelam que em municípios com população inferior a 20 mil habitantes é comum a inexistência de livrarias, bancas de revistas, circulação diária de impressos e que em todo o país são pouco mais que duas mil livrarias, e se considerarmos os 86 milhões de leitores potenciais[2], teremos em média 84.400 habitantes por livraria. Estes dados pioram ainda mais quando percebemos que do total das livrarias que existem no país, 78% estão localizadas nas regiões Sul e Sudeste. Portanto, para a população rural o acesso aos materiais impressos diversificados torna-se um desafio ainda maior.

Refletir sobre as práticas culturais de leitura e a aproximação ou fronteiras com as políticas públicas de leitura através das histórias de vida e de leitura dos professores rurais tem sido um inquietação que me acompanha já há algum tempo, precisamente, desde minha formação inicial no curso de graduação em Pedagogia.

Compreender de que forma as políticas públicas de formação de leitores e políticas de promoção de leitura tem sido pensadas e quais seus impactos efetivamente, quais têm sido os investimentos na formação e reestruturação dos espaços escolares (bibliotecas, salas de leitura), quais as ações efetivas são implementadas para ampliação e atualização dos acervos já existentes, entre outras, se configuram como questões que merecem ser aprofundadas na tentativa de mapear uma cartografia da história da leitura num país com dimensões continentais como o Brasil.

## **1. Práticas Culturais de Leitura: um olhar sobre histórias e conceitos**

Na historiografia brasileira a questão da leitura tem sido um tema recorrente nos diversos trabalhos publicados já há algum tempo. As perspectivas abordadas oscilam entre aqueles que versam sobre a crise da leitura (se o Brasil é um país de leitores, quais têm sido as práticas de leitura nas escolas, como se estabelece a relação entre escola e leitura, etc.) enquanto outros refletem sobre as múltiplas práticas culturais de leitura que permeiam o cotidiano das pessoas, seus modos e formas de ler, seus acervos, seus percursos e itinerários leitores.

Dentre muitos estudos que discutem acerca das representações sobre se o professor é ou não leitor, o trabalho realizado por (Batista, 1998) intitulado *Os(as) professores(as) são "não-leitores"?*<sup>[3]</sup> é bastante interessante pois busca desconstruir o que o autor chama de representação social da leitura docente a qual aponta que os professores são "não-leitores". Segundo ele "como os demais grupos sociais ou ocupacionais, professores estão expostos a impressos diversificados e necessidades sociais que pressionam por seu uso, seja em instâncias públicas, seja em instâncias privadas. São, portanto, leitores" (BATISTA, 1998: 27-28).

Outro trabalho que versa sobre essa temática é oriunda da pesquisa de mestrado realizada por (Tardelli, 2001) com professores de língua portuguesa da rede municipal e estadual de Campinas na qual revela "o professor é sim um leitor e sua formação como tal se dá a partir da interação com pessoas e objetos distintos, apontando-se assim, para a existência de práticas de leitura diversas que ocorrem quase em toda a sua totalidade no ambiente familiar" (p. 250), estes dados além de reforçar a compreensão que as práticas de leitura não são exclusivas dos ambientes escolares, auxiliam-nos a pensar que os espaços e os modos de ler também são muito diversos.

Em cada momento/contexto histórico as concepções de leitura, de leitor, de prática de leitura são diferentes. Segundo Chartier (*apud* Tardelli, 2001):

por um longo período a leitura tem se constituído em nosso ideário como algo que jamais poderia ter sido de outra forma senão aquela que é hoje para nós: uma relação íntima entre o leitor solitário e o livro, em geral um texto pertencente ao cânone literário. Legitimado pela escola, pelo mercado editorial e em grande parte pela mídia, esse modelo de leitura, além de defender a realização de uma prática leitora única lhe confere também um juízo de valor, uma vez que não somente descreve a figura daquele que seria o 'leitor ideal', como também desqualifica e exclui qualquer outra possibilidade de leitura, reforçando assim a imagem de uma sociedade constituída em sua grande parte por leitores ingênuos despreparados, ou ainda, não-leitores. (p. 247-248)

Na contemporaneidade, as discussões travadas sobre a leitura como prática cultural remetem-nos a autores como Chartier (2001), Bourdieu (2001), Abreu (1999), Schapochnik (2005). Estes estudos nos ajudam ampliar e compreender a história da leitura no Brasil, pois como afirma (Schapochnik, 2005: 10) "... a história da leitura não pode restringir seu interesse ao livro, tendo de considerar outras formas de impresso de ampla circulação e suportes de textos não-impresos. Isso é particularmente relevante no Brasil, onde a imprensa aportou tardiamente e o letramento custou a se espalhar pela sociedade".

Esta reflexão de Schapochnik provocando-nos a querer entender como a história das práticas culturais de leitura no Brasil tem sido escrita, haja vista ser ainda um tema bastante incipiente no campo da Educação. Como afirma (Lacerda, 2003: 28) "as histórias são marcadas por catarses, representações, desejos, lutas e perdas

em condições desiguais de existência", portanto, se tomarmos os dados já sistematizados que apontam uma diferença gritante entre as regiões do país quanto à distribuição de livrarias, imaginemos quão destoantes serão a apropriação e o acesso aos materiais impressos entre as cidades e as zonas rurais. No entanto, faz-se necessário esclarecer *a priori*, que neste texto trabalhamos com a concepção de que leitor é todo aquele que usufrui de materiais impressos diversos e como práticas culturais de leitura as vivências cotidianas, sociais, culturais, políticas, artísticas tanto individuais quanto coletivas que emergem da relação dos homens com os outros homens e com a sociedade.

Sabemos que a presença de materiais impressos em casa não garante que o indivíduo seja leitor, assim como não ter livros em casa também não configura *a priori* que este não seja leitor, pois como afirma (Piglia, 2006: 19) "na clínica da arte de ler, nem sempre o que tem melhor visão lê melhor". Todos nós temos muitos exemplos de pessoas que têm em casa uma estante com muitos exemplares de livros, revistas, catálogos, etc. e com pouquíssimas práticas de leitura, como também conhecemos exemplos do inverso, pessoas que não têm condições de adquirir o livro, quase não possui acervo, no entanto é um leitor assíduo.

Chartier (2004) a este respeito fala da importância das redes de sociabilidades que foram comuns tanto em sociedades mais antigas como são nos dias atuais. As redes de sociabilidades são formas efetivas de empréstimos, ampliação e trocas de saberes, em que pessoas comungam interesses semelhantes e atuam como co-responsáveis, como interlocutores entre o desejo de ler, de saber, de conhecer e a saciação por empréstimos do material desejado. Nos estudos de Chartier (2004) aparecem vigários, párocos, vendedor ambulante que possibilitava estas apropriações. No Brasil, dados extraídos pela pesquisa Retrato da Leitura no Brasil revelam que 15% dos leitores têm acesso ao livro lido por empréstimo de amigos ou parentes.

E para os professores rurais, como suas histórias de leitura são tecidas? Quais seriam as suas formas ou redes de sociabilidades de leitura? Como se constitui seus percursos de formação? Quais interlocutores marcaram seus percursos de leitores? Quais são as suas práticas culturais de leitura? Estas são questões que têm me inquietado e me provocado a investigar.

## **2. Histórias de vida e percursos de formação de professores rurais**

Os percursos de formação dos professores rurais da comunidade de Arrodeador no município de Jaborandi - Bahia[4], trazem impressos lembranças de um tempo em que o livro, propriamente dito, nem sempre era presença assegurada. Outras formas e modos de ler povoaram seus universos. Para o prof<sup>o</sup> Weliton[5], nos tempos de infância o livro era um objeto quase inexistente. Segundo ele o uso das letras era só por necessidade mesmo. Ao rememorar a sua trajetória leitora afirma:

no lugar que eu nasci se tinha poucos livros, era um ambiente familiar de conversas mesmo... a gente morava numa fazenda e essa fazenda propiciava muita pouca coisa mesmo, as únicas vezes que a gente conseguia ver um livro, a gente vinha pra casa do meu avô, chegava lá tinha uma estante muito bonita com uns livros vermelhos era, se eu não me engano, daquelas enciclopédias. Eu achava as coisas mais lindas, sinceramente. Aí assim, era o contato que tinha... a única coisa que via era esses livros...

Para muitos desses professores rurais o contato e/ou acesso aos materiais impressos através da escola (instituição formal) vai acontecer tardiamente. A partir dos dados obtidos pela pesquisa Retrato da Leitura no Brasil, (Maués, 2002), afirma que

Muitas vezes esse é um leitor quase heróico, que consegue, de alguma forma - em igrejas, por empréstimos de amigos, por meio da escola ou das poucas e precárias bibliotecas existentes -, superar os obstáculos que lhe são impostos e chegar até o livro, contra quase todas as probabilidades.

Muitos se apropriam dos livros por intermédio dos irmãos mais velhos, dos primos, de tia, do avô ou da avó, quando muitas vezes, estes deixaram marcas no seu processo de formação de leitor mais significativas que o próprio espaço escolar. Assim foi para a prof<sup>a</sup> Gislane:

Eu passava a maior parte do tempo com minha avó, então eu ficava lá e como ela não sabia ler, então não tinha acesso assim a leituras... em termos de livros. Lá a gente tinha acesso a histórias que ela contava, passava boa parte do tempo assim.

A forte presença da avó, na história de formação leitora, da professora Gislane, retorna quando ela rememora o contato com as histórias orais:

Minha avó ela veio da zona rural e lá eles contavam muitas histórias. Histórias, contos mais assim de terror, de assombração, porque aqui tinha muitas histórias de lobisomem, que é um dos mitos daqui.  
(Prof<sup>a</sup> Gislane)

Os itinerários de leitura dos professores rurais são compostos por lembranças da infância em que a presença do livro em casa era escassa para uns, pela influência da avó contadora de histórias para outros, bem como pelos modelos de leitura da bíblia pela mãe que motivava e despertava ao querer saber ler, como foi para a prof<sup>a</sup> Maria Vilma

**O maior contato que eu tive com a leitura, que eu me lembro, me recordo bem foi a Bíblia, porque minha mãe lia muito e o meu interesse em ler era tanto, que eu ouvia e ouvia ela cochichando.** Na verdade nem era uma leitura em voz alta, sempre depois do almoço quando meu pai ia pra roça, meus irmãos ficavam no quintal, eu via e achava bonito o cochichar dela, cochichar/ler a bíblia. Eu achava lindo... (grifo meu)

Nesses processos de rememorar e narrar as suas histórias pessoais e suas histórias de leitura, os professores têm refletido sobre o impacto e/ou contribuição da sua formação pessoal e escolar para a sua constituição leitora e, conseqüentemente, tem provocando-os a pensar sobre a sua atuação hoje como docentes responsáveis pela mediação e formação de leitores, pois como afirma (Moraes, 2001):

Quando conta a sua história, o sujeito narra o seu percurso de vida e passa a retomar alguns sentidos dados ao longo desse trajetória, mas não só isso, passa também a redefini-los, reorienta-los e, principalmente, a construir novos sentidos para essa história. A narrativa não é um simples narrar de acontecimentos; ela permite uma tomada reflexiva, identificando fatos que foram, realmente, constitutivos da própria formação. Partilhar histórias de vida permite

a quem conta a sua história refletir e avaliar um percurso compreendendo o seu sentido, entendendo as nuances desse caminho percorrido e reaprendendo com ele... (p. 183)

Não há dúvidas que através das histórias de vida recuperamos marcas, pessoas, modos e percursos de leitura. Para muitas famílias, principalmente no cotidiano rural, o tempo era ocupado predominantemente pelas tarefas inerentes ao fazer do campo. A responsabilidade de ensinar a ler era sempre atribuída à escola. Segundo Abreu[6] "no passado, a leitura tomava parte em um conjunto de práticas culturais que passavam pelo livro...", no entanto, para os professores rurais da comunidade de Arrodeador, as práticas culturais oriundas da oralidade exerceram nas suas trajetórias leitoras, maior força e significado.

Para a prof<sup>a</sup> Chirles, as práticas de leitura e os modos de ler no ambiente familiar foram mais representativos na sua história de leitura do que as realizadas no ambiente escolar. Admite ela que o fato de ser membro de uma família Testemunha de Jeová, contribuiu significativamente nas suas práticas e relações tecidas com o ato de ler. Se para (Manguel, 1997), a leitura funcionou como "desculpa para a privacidade" (p.23), para ela esse era um momento de partilha e sociabilidade:

Sou de família de Testemunha de Jeová, então isso fez com que eu tivesse muitos, muitos livros em casa. Livros bíblicos. [...] Inclusive o primeiro livro que eu li, eu tinha aproximadamente seis a sete anos, foi "Meu Livro de História Bíblica". A gente tinha sempre o momento da leitura, as pessoas achavam mais bonito quando a gente começava a ler e líamos pra muita gente da vila.

Para alguns professores além da forte influência da oralidade, a escola assumiu um papel preponderante. Para o prof<sup>o</sup> Milton a escola representou no processo de aprendizagem da leitura o lugar de acesso ao mundo impresso. Sua fala deixa explícita a escassez de material disponível, entretanto admite que mesmo sendo exclusivamente a cartilha, esta propiciou-lhe aprendizagens e apropriações afetivas: "Como a cartilha era o único instrumento de leitura, cuidávamos dela com muito cuidado. Usávamos de tal modo que ainda hoje guardo na memória alguns textos que decorávamos para que a professora tomasse a lição".

As reminiscências das histórias de leitura revelaram poucas presenças de materiais impressos no ambiente familiar. Entre os poucos livros recordados pelos colaboradores dessa pesquisa, estavam dentre os livros religiosos e os livros didáticos. Havia uma forte predominância das histórias orais, dentre elas foram lembradas histórias de caçadores, mitos, causos, lendas e fábulas. Conforme aponta Besnosik (2002) em sua tese de doutorado *Encontros de Leitura: uma experiência partilhada com professores de zona rural da Bahia*, compreender as funções da leitura, as formas de acesso ao material escrito e as possibilidades de democratização da escola nos dias atuais, sem dúvida é bastante diferente que em outros tempos e lugares.

As práticas de leitura vivenciadas pelos professores da zona rural em sua infância, no âmbito escolar, não diferem muito das experiências encontradas nas demais escolas brasileiras nas décadas de 70, 80 e início dos anos 90[7]. O tratamento meramente instrumental, ou seja, de decodificação e de apreensão técnica do código. As lembranças do prof<sup>o</sup> Milton ratificam essa prática tão comum:

Minha leitura começou assim, quando eu fui estudar aos oito anos de idade. Eu tive uma professora que marcou muito a minha vida [...]

eu no início era muito tímido, eu não queria estudar e ela me ajudou bastante. Inclusive sentava muitas vezes comigo, pois o processo de aprendizagem da leitura era soletrando as sílabas.

### **Ensaando uma conclusão**

Ao rememorar suas histórias de vida/leitura, seus percursos de formação, suas marcas e modos de acesso ao mundo da cultura e da leitura, os professores rurais se deparam com lembranças vagas do papel impresso e da efetiva participação da escola no contato com o mundo da leitura e dos livros. O material impresso que mais aparece nos relatos dos colaboradores ainda é o livro didático. As lembranças do acesso à leitura remetem, prioritariamente, às lembranças das histórias orais contadas por avós, avôs, pai, mãe, tios, irmãos, primos, ou de livros herdados dos irmãos mais velhos. À escola é atribuído o papel meramente de reprodução de um saber historicamente transmitido sem a pretensão de articular saber e *sabor*. As práticas de leitura foram, em sua maioria, categorizadas como destituídas de significados e sentido, portanto, não representaram motivo de incentivo. Mesmo para aqueles que tiveram na escola sua única oportunidade de acesso ao mundo da leitura.

Por entre as falas dos professores quando retomaram lugares, tempos, pessoas, marcas, gestos, práticas de leitura tanto nos espaços formais, quanto nos espaços sócio-culturais, nos foi possível perceber, nas singularidades de suas histórias e trajetórias, as ausências e especificidades de morar, pertencer a um município que por não ultrapassar os vinte mil habitantes, logo se enquadram nos perfis das ausências: não ter livrarias, não ter bancas de revistas, não ter opções variadas de circulação do impresso (Galvão, 2004). Para esses professores que muito lhes falta, sobram-lhes desejos, vontades, aspirações pessoais, profissionais e cidadãs.

Assim, ao resgatar histórias, memórias dos seus processos e percursos formativos, acreditamos que, ao rememorar práticas hoje contestadas, os professores possam refletir e ressignificar suas concepções e modos de ser e atuar nos diversos espaços de atuação, tanto como cidadãos, quanto como profissionais da educação.

Adentrar as casas e histórias de vidas dos professores ou como afirma Abreu (2004) bisbilhotar suas lembranças, sua vida cultural, suas inserções sociais e suas redes de sociabilidades, nos permitiu re-ver com olhos mais cuidadosos seus cotidianos, seus fazeres, suas trajetórias e escolhas.

Na tessitura dos fios que compõem as histórias individuais e coletivas de leitura de professores rurais, muitas foram as escolhas necessárias e nem sempre tão fáceis. Das histórias pessoais nem tudo pode ser dito, nem tudo quer ser dito, partilhado. As escolhas do conteúdo das narrativas são decisões que não cabe ao pesquisador. A esse cabe apenas aguçar seus sentidos e sensibilidades para saber acolher e entrecruzar as informações, as memórias, as marcas deixadas ao longo das trajetórias particulares de cada professor.

### **REFERÊNCIAS**

ABREU, Márcia (Org.). Os números da cultura. In.: RIBEIRO, Vera Masagão. **Letramento no Brasil** - reflexões a partir do INAF 2001. São Paulo: Global, 2004.

ABREU, Márcia & SCHAPOCHNIK, Nelson (Org.). **Cultura letrada no Brasil** - objetos e práticas. Campinas, SP: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB); São Paulo, SP: Fapesp; 2005.

ABREU, Márcia. Diferentes formas de ler. <http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/Marcia/marcia.htm>, acesso 17/10/2006.

BATISTA, Antonio Augusto Gomes. Os (as) professores (as) são "não-leitores". In.: MARINHO, Marildes; SILVA, Ceris Salete Ribas da (Org.). **Leituras do professor**. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil - ALB, 1998.

BESNOSIK, Maria Helena da Rocha. **Encontros de leitura**: uma experiência partilhada com professores de zona rural da Bahia. 2002. Tese (doutorado em Educação) Universidade de São Paulo. 2002.

CHARTIER, Roger (Org.). **A história cultural** - entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S. A., 1990.

CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

CHARTIER, Roger. **Leituras e leitores na França do antigo regime**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

FERREIRO, Emília. **Com todas as letras**. São Paulo: Cortez, 1993.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 22 ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1988.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Leitura: algo que se transmite entre as gerações? In.: RIBEIRO, Vera Masagão. **Letramento no Brasil** - reflexões a partir do INAF 2001. São Paulo: Global, 2004.

**Jornal Letra A**. Belo Horizonte: CEALE/FAE/UFMG, abril/maio de 2005 - ano 1, nº 1; p. 6-9.

LACERDA, Lillian de. **Álbum de leitura** - memórias de vida, histórias de leitoras. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MAUÉS, Flamarion. A exclusão da leitura. In: **Revista Teoria e Debate**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, nº50, fev./mar./abr.2002.

MORAES, Ana Alcídia de A. Histórias de leitura em narrativas de professoras: uma alternativa de formação In: SILVA, Lillian Lopes Martin da (Org.). **Entre leitores**: alunos, professores. Campinas, São Paulo: Komedi: Arte Escrita, 2001.

PAULINO, Graça. **Da cozinha à mesa posta**. Rio de Janeiro: Proler/Casa da leitura, 1995. (Ler & Fazer; nº 6).

PIGLIA, Ricardo. **O último leitor**. São Paulo: Companhia das letras, 2006.



RIBEIRO, Vera Masagão. **Letramento no Brasil** - reflexões a partir do INAF 2001. São Paulo: Global, 2004.

TARDELI, Gláucia Maria Piato. Histórias de leitura de professores: as diferentes maneiras de ler. In: SILVA, Lílían Lopes Martin da (Org.). **Entre leitores: Alunos, Professores**. Campinas - São Paulo: Komedi: Arte Escrita, 2001.

---

[1] Para maiores informações ver Ribeiro (2004) (cf. referência).

[2] Dados disponíveis no Jornal Letra A. Belo Horizonte: CEALE/FAE/UFMG, abril/maio de 2005 - ano 1, nº 1; p. 6-9.

[3] BATISTA, Antonio Augusto Gomes. Os (as) professores (as) são "não-leitores" (1998) (cf. referência).

[4] Colaboradores da Pesquisa de Mestrado vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia - PPGEduc/UNEB, defendida em agosto de 2008 intitulada: Nas malhas da leitura: perfil leitor e práticas culturais de leitura de professores e professoras rurais da comunidade de Arrodeador - Jaborandi - Bahia.

[5] O uso dos nomes originais foi autorizado pelos próprios professores, por meio de Termo de Autorização.

[6] Abreu, Márcia. Diferentes formas de ler. <http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/Marcia/marcia.htm>, acesso 17/10/2006.

[7] Ver estudos de Ferreiro (1993), (cf. referência); sobre histórias de leitura/prática de teorizar sobre o vivido ver Paulino (1995) Coleção Ler & Fazer (cf. referência)